



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUA E
LITERATURA PORTUGUESA E LÍNGUA E
LITERATURA ESPANHOLA**

**A IMPORTÂNCIA DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE EXPLICAÇÃO E
CONCLUSÃO PARA A COESÃO TEXTUAL EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE
ALUNOS DO 1ª ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL
PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT-AM**

Benjamin Constant - AM

2022

LILIAN LUCAS PENAFORTH

**A IMPORTÂNCIA DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE EXPLICAÇÃO E
CONCLUSÃO PARA A COESÃO TEXTUAL EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE
ALUNOS DO 1ª ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL
PERTENCENTE AO MUNICÍPIO DE BENJAMIN CONSTANT-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção de nota na disciplina TCC II.

Orientador:
Prof. Dr. Adelson Florêncio de Barros

**Benjamin Constant – AM
2022**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

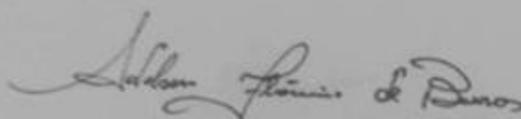
P397i Penaforth, Lilian Lucas
A importância dos operadores argumentativos de explicação e conclusão para coesão textual em produções textuais de alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola estadual pertencente ao Município de Benjamin Constant -AM / Lilian Lucas Penaforth . 2022
43 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Adelson Florêncio de Barros
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Letras - Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Operadores argumentativos. 2. Texto dissertativo. 3. Produção textual. 4. Língua Portuguesa. 5. Ensino Médio. I. Barros, Adelson Florêncio de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

BANCA EXAMINADORA

TCC aprovado em 31 de agosto de 2022



Prof. Dr. Adelson Florêncio de Barros - Orientador
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Dra. Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio – Membro
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Esp. Maiara Barros de Assis - Membro
Universidade Federal do Amazonas –UFAM

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me sustentou nas horas de angústia, foi meu refúgio e meu sustentador.

Dedico principalmente aos meus pais por ter me proporcionado a oportunidade de estudar e realizar os meus sonhos profissionais, e em especial a minha mãe por ter me apoiado durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço Deus pela oportunidade, força, sabedoria, por iluminar meus caminhos, me proporcionar a vida, e ter me sustentado até aqui.

Obrigado, obrigado, muito obrigado, mãe e pai. Essa conquista é para vocês, é de vocês!

A minha mãe, seu amor incondicional, sua força, seu apoio, sua alegria, seu incentivo e seu esforço me conduziram a essa vitória. Gratidão por suas preces e cuidado para comigo.

Ao meu pai que mesmo indiretamente, junto com a minha mãe, me deu todo o apoio possível para eu chegar até aqui.

Aos meus familiares, desde os mais distantes até os mais próximos, todos, certamente, tiveram sua parcela nessa conquista. A preocupação e a importância que me deram na vida de vocês foi e sempre será muito importante para mim.

Ao meu namorado, Henrique Souzaque está á pouco tempo comigo, mas que desde o início do meu tcc, sempre me ajudou, apoiou e incentivou a não desistir. Obrigada!

A minha prima, GilcielyPenaforte, que divide a casinha dela comigo, sempre levantando meu alto astral, colorindo os meus dias.

Aos meus amigos, que foram essenciais nesse trajeto, o que seria da minha vida acadêmica sem vocês, Dailza Malafaia que nesse ano se tornou quase uma irmã para mim, sempre me apoiando, ajudando nas horas mais difíceis. Obrigada por tudo. A Lilia Francisca, Gilziandre e Matheus da Silva. Vocês são parte da minha história, eu não poderia deixar de citar cada um de vocês aqui. Obrigadapor todo apoio e incentivo nos últimos períodos do curso.

À Ufam por ter aberto as portas para que eu realizasse um sonho, para aprender e conhecer as realidades da vida.

Agradeço ainda, a todos os professores que desde o 1º período estiveram no apoio desse sonho, que administraram cada disciplina ofertada para a turma com muito esforço, dedicação e carinho. Ao professor Max Pinheiro, Cristiane Alves da Silva, Francisca, João BoscoJeymiEspitia, Juan Emilio, Samara Porto, Edilani Ribeiro, Aldarleny Barros, Solano Guerreiro,Ligiane Bonifácio, Mariane Oliveira, Valdineia Ferreira, Jorge Luís de Freitas Lima e Lesly Diana Pimentel Yong.

Eu não poderia deixar de agradecer o meu orientador, Professor Doutor Adelson Florêncio de Barros. Gratidão pela paciência, pela confiança, compreensão e motivação e por compartilhar comigo um pouco do muito que sabes. Sem dúvidas é o melhor orientador.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menos se lhe faltasse uma gota”.

Madre Tereza de Calcuta

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está situado na área da Língua Portuguesa e tem por título: “A importância dos operadores argumentativos de explicação e conclusão para a coesão textual em produções textuais de alunos do 1º ano do ensino médio de uma Escola Estadual pertencente ao Município de Benjamin Constant-AM”. Tem-se por objetivo geral Analisar de que maneira os operadores argumentativos sinalizam relações semânticas de explicação e conclusão em textos de produção textual de alunos no 1º ano do Ensino Médio. E específicos: a. Apresentar o conceito, funções e articulações dos operadores argumentativos no processo de produção e organização textual aos discentes do 1º ano do Ensino Médio; b. Verificar em que medida se dá o uso dos operadores argumentativos na produção textual dos discentes do 1º ano do Ensino Médio e c. Identificar se os alunos utilizam adequadamente os operadores de explicação e conclusão em suas produções textuais. Justifica-se o referido estudo, pois aborda sobre a produção textual, o que para muitos discentes é um grande terror na hora de argumentar. Sabe-se da importância que as produções textuais têm na vida de alunos, pois é nessa etapa que costuma-se treinar os alunos para o vestibular. Uma vez que é de suma importância que os alunos conheçam e usem com propriedade os operadores argumentativos, considerando-se que esse recurso exerce forte peso nos enunciados, bem como no direcionamento dos argumentos utilizados, deixando seus textos mais argumentados, coesos e principalmente com sentido para quem vai ler. A título de contribuições referenciais, recorreu-se a autores como: Almeida (2001), Antunes (2003, 2005), Cabral (2017), Elias (2014, 2016), Emediato (2004), Kock (2010 e 2018) e Val (1991). Sendo esses os principais nomes que embasam este trabalho. Quanto a abordagem metodológica, a pesquisa é descrita, têm como abordagem qualitativa, possui uma análise documental, seguido de pesquisa bibliográfica. Tem-se por resultados obtidos: a. os discentes compreenderam o conceito, as funções e articulações dos operadores argumentativos, por meio do conceito, função e articulação dos operadores argumentativos. b. os discentes, em sua maioria, fizeram uso dos operadores argumentativos na perspectiva da gramática normativa, sendo possível sua verificação por meio das produções textuais; c. muitos discentes apresentaram em seus textos alguns dos operadores de explicação e conclusão e outros apresentam fragilidade quanto ao seu devido uso, evidencia-se, ainda, que os discentes chegam ao Ensino Médio com várias lacunas em se tratando da produção escrita e organização das ideias, bem como a utilização dos referidos operadores argumentativos.

PALAVRAS-CHAVE: Operadores argumentativos de Explicação e Conclusão; Texto dissertativo; Produção textual; Língua Portuguesa; Ensino Médio.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) se encuentra en el área de la Lingüística Textual y tiene como título: “La importancia de los operadores argumentativos de explicación y conclusión para la cohesión textual en producciones textuales de estudiantes del 1° año de la escuela secundaria estatal perteneciente al municipio de Benjamín Constant-AM”. El trabajo tuvo como objetivo general Analizar cómo los operadores argumentativos señalan relaciones semánticas de explicación y conclusión en textos escritos por estudiantes del 1° año de la escuela secundaria. Y específico: Presentar el concepto, funciones y articulaciones de los operadores argumentativos en el proceso de producción y organización textual a los estudiantes del 1° año de la Enseñanza Media; b. verificar en qué medida se da el uso de los operadores argumentativos en la producción textual de los estudiantes del 1° de la escuela secundaria y c. identificar si los alumnos utilizan adecuadamente los operadores de explicación e conclusión en sus producciones textuales. Este estudio se justifica, pues aborda la producción textual, que para muchos estudiantes es un gran terror a la hora de argumentar. Es conocida la importancia que tienen las producciones textuales en la vida de los estudiantes, pues es en esta etapa en la que los estudiantes suelen formarse para el examen de ingreso. Ya que es sumamente importante que los estudiantes conozcan y utilicen adecuadamente los operadores argumentativos, considerando que este recurso ejerce un fuerte peso en los enunciados, así como en la dirección de los argumentos utilizados, dejando sus textos más argumentados, cohesionados y sobre todo con sentido para aquellos que van a leer. Como aportes de referencia, autores como: Almeida (2001), Antunes (2003, 2005), Cabral (2017), Elias (2014, 2016), Emediato (2004), Kock (2010, 2018) e Val (1991). En cuanto al enfoque metodológico, el trabajo tiene una pesquisa descriptiva, tiene una abordaje cualitativa, tiene un análisis documental, seguida de una investigación bibliográfica e de una pesquisa de campo. Los resultados obtenidos son: a. los estudiantes comprendieron el concepto, funciones y articulaciones de los operadores argumentativos, a través del concepto, función y articulación de los operadores argumentativos. b. la mayoría de los estudiantes hizo uso de operadores argumentativos desde la perspectiva de la gramática normativa, siendo posible comprobarlo a través de producciones textuales; c. muchos estudiantes presentan en sus textos algunos de los operadores de explicación y conclusión y otros presentan fragilidad en cuanto a su uso adecuado, también se evidencia que los estudiantes llegan a la escuela secundaria con varios vacíos en cuanto a la producción escrita y organización de ideas, así como el uso de los operadores argumentativos antes mencionados.

PALABRAS-CLAVE: Operadores argumentativos de Explicación y Conclusión; texto de disertación; Producción textual; Lengua portuguesa; Escuela secundaria.

LISTA DE SIGLAS

AM – Amazonas

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1 CONCEITO, FUNÇÕES E ARTICULAÇÕES DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO TEXTUAL.....	14
1.2 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS TEXTOS DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO	18
1.3 PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL UTILIZANDO OS OPERADORES TEXTUAIS ARGUMENTATIVOS.....	22
2 METODOLOGIA.....	26
2.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA	27
2.2 PERFIL DOS INFORMANTES.....	28
2.3 COLETA DE DADOS.....	28
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema os operadores argumentativos, o qual foi delimitado com a importância dos operadores argumentativos de explicação e conclusão para a coesão textual em produções textuais de alunos do 1º ano do ensino médio de uma Escola Estadual pertencente ao Município de Benjamin Constant-AM. O trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira os operadores argumentativos sinalizam relações semânticas de explicação e conclusão em produção textual de alunos no 1º ano do Ensino Médio. E para que se pudesse alcançar esse objetivo geral traçaram-se os objetivos específicos, conforme segue: Apresentar o conceito, funções e articulações dos operadores argumentativos no processo de produção e organização textual aos discentes do 1º ano do Ensino Médio, verificar em que medida se dá o uso dos operadores argumentativos na produção textual dos discentes do 1º ano do Ensino Médio e identificar se os alunos utilizam adequadamente os operadores de explicação e conclusão em suas produções textuais.

Sabe-se que desde muito tempo a construção de um texto na escola sempre foi empregada a nós, alunos, como algo bem gramatical. Tínhamos a preocupação em escrever apenas palavras certas, dividindo ele em cinco parágrafos e não em argumentar sobre determinado tema. E até hoje, isso ainda é visto nas instituições.

Então a problemática surge da observância durante os estágios nas aulas de Língua Portuguesa em turmas do primeiro ano do Ensino Médio no ano de 2021, onde percebeu-se que o discente do ensino médio ainda tem a extrema dificuldade para escrever e, então, na maioria das vezes, ele produz, em sua escrita, frases clichês, escrevendo um texto que não revela um fio condutor orientador de sua escrita. E quando o assunto era produção textual, eles se viam frustrados, sem saber o que escrever e como organizar as suas ideias. Por isso, é necessário que se tenha noção que em um texto dissertativo-argumentativo, o discente irá defender uma ideia e para que ele seja entendido se faz necessário construir um texto com sentido claro e sem fugir do assunto. Para isso ocorrer, é importante deixar claro ao discente que seu texto precisa de conectivos ou ainda de operadores argumentativos para ir ligando uma ideia na outra, é necessário que ele use esses elementos para que oriente o leitor nas suas argumentações, ensinar ao aluno elementos coesivos.

Com isso, a delimitação da série, discentes do primeiro ano do Ensino Médio, tem o intuito de averiguar se os discentes do 1º ano do ensino médio estão fazendo uso desses mecanismos da coesão textual. Em virtude disso surgem as seguintes perguntas: os alunos do 1º ano do ensino médio conseguem produzir textos de forma a encadear os enunciados? De

que forma eles estão usando esses elementos? Como uso dos operadores argumentativos de explicação e conclusão ajudam na força argumentativa dos enunciados dos alunos do primeiro ano? Diante dessas inquietações, realizou-se essa pesquisa, buscou-se uma razão e qual seria sua contribuição para a sociedade, sobretudo no que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, com ênfase na produção textual.

Justifica-se a importância deste presente trabalho, pois nele aborda sobre a produção textual, o que para muitos discentes é um grande terror na hora de argumentar. Sabe-se da importância que as produções textuais tem na vida de alunos, pois é nessa etapa que costuma-se treinar os discentes para o vestibular. Uma vez que é de suma importância que os discentes conheçam e usem com propriedade os operadores argumentativos, considerando-se que esse recurso exerce forte peso nos enunciados, bem como no direcionamento dos argumentos utilizados, deixando seus textos mais argumentados, coesos e principalmente com sentido para quem vai ler.

Com esta pesquisa, espera-se possibilitar aos futuros professores identificar o nível médio de conhecimento sobre o assunto e desenvolver práticas pedagógicas, que ajudem a sanar esse problema, tendo em vista ao desenvolvimento de competências relacionadas à argumentação e ao devido uso dos operadores argumentativos. Um recurso para os discentes do primeiro ano do Ensino Médio, para uma melhor argumentação em suas dissertações. Discentes que possam construir uma produção argumentativa e coesa.

Sendo assim, por meio desta pesquisa será possível contribuir de forma positiva, tanto para os discentes de Letras, como para os professores. Para os discentes, para que eles possam elaborar projetos acerca desse problema, buscando saná-lo. É importante o diagnóstico que se fez aqui, também para os professores, pois vai ajudá-los a elaborar planos e usar metodologias que ajudem esses alunos na produção de textos mais argumentados e objetivos, trabalhando ainda o uso dos operadores argumentativos.

Com isso, é comum encontrar discentes que chegam ao Ensino Médio com um domínio e consciência sobre o emprego dos operadores argumentativos limitados na produção de textos. E isso torna essa pesquisa de alta relevância para a instituição e para futuros estudos acadêmicos, facilitando o acesso para uma nova pesquisa sobre propostas de produção textual utilizando os operadores textuais argumentativos de explicação e conclusão que aparecem muito pouco nos textos.

Dessa forma, este trabalho se enquadra dentro do campo de estudo da Linguística Textual e os principais teóricos utilizados para embasar a pesquisa foram Almeida (2001), Antunes (2003 e 2005) Kock (2016 e 2018) dentre outros, que serão explanados no próximo

capítulo deste trabalho.

A pesquisa apresenta três capítulos. O primeiro capítulo trata do conceito, funções e articulações dos operadores argumentativos no processo de produção e organização textual. O segundo capítulo consiste sobre os operadores argumentativos na produção textual dos textos dos discentes do ensino médio. E o terceiro capítulo apresenta propostas de produção textual utilizando os operadores textuais argumentativos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, evidenciaremos, com base no que foi lido durante a realização desse Trabalho de Conclusão de Curso, de acordo com as obras consultadas, os seguintes temas: Conceito, funções e articulações dos operadores argumentativos no processo de produção e organização textual, operadores argumentativos na produção textual dos textos dos discentes do ensino médio e propostas de produção textual utilizando os operadores textuais argumentativos.

1.1 CONCEITO, FUNÇÕES E ARTICULAÇÕES DOS OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO TEXTUAL

Os operadores argumentativos são elementos da semântica argumentativa, que determinam o valor argumentativo dos enunciados, eles são elementos fundamentais para a construção da argumentação. Com isso, segundo a autora Antunes (2005) enfatiza que os operadores argumentativos são:

Uma espécie de sinal, de marca que vai orientando o interlocutor acerca da direção pretendida. Funcionam então como marcadores, que especificam que sinalizam a relação semântica criada, o que é fundamental para que qualquer pessoa produza ou entenda um texto. (ANTUNES, 2005. p.144)

Nesse sentido, são palavras ou expressões fundamentais para a coesão textual, ou seja, para a ligação entre as diversas orações, períodos e parágrafos que existem em um texto. Eles são responsáveis por articular as partes do texto, conferindo a elas a intenção desejada pelo autor. Com isso, a conexão dos usos dos conectores segundo Antunes (2005) desempenha a função de promover a sequencialização de diferentes porções do texto.

Entretanto, a conexão diferencia dos demais por envolver um tipo específico de ligação: aquela efetuada em pontos bem determinados (entre orações e períodos, sobretudo) e sob determinações sintáticas mais rígidas. Por exemplo, enquanto o nexos por repetição pode formar-se por palavras que estão em quaisquer pontos do

texto – como no primeiro e no último parágrafo – e fora de qualquer limite sintático, a conexão só acontece em determinados pontos e na dependência de certas condições sintáticas (ANTUNES, 2005, p. 140).

Ou seja, a conexão acontece por meio de argumentos maiores ou menores dentro de um texto. (ANTUNES, 2005, p. 144) ainda na pretensão, pois, de estimular a procura por perspectivas para o estudo dos conectores, começaria por destacar que o fundamental nesse domínio é:

- Entender a função dos conectores como elementos de ligação de subpartes do texto (sejam essas partes termos, orações, períodos, parágrafos ou blocos maiores dos textos);
- E entender esses conectores como elementos indicadores de relações de sentido e de orientações argumentativas pensadas para o texto.

Ou seja, todos os operadores possuem uma função dentro do texto, indicando a forma argumentativa dos enunciados, são elementos que servem de marcador para o leitor entender aquilo que o autor quis dizer. Nesse sentido, Marins (2021) entende que:

Os operadores argumentativos ou do discurso, são termos cunhado por Oswald Ducrot, que designam certos elementos da gramática da língua que têm por função indicar a forma argumentativa dos enunciados, a direção para a qual apontam. São elementos de valor essencialmente argumentativo que orientam o texto numa dada direção argumentativa. São importantes marcas linguísticas da enunciação, pois a argumentatividade não é algo apenas acrescentado ao uso linguístico, mas, ao contrário, inscrito na própria língua. Sustenta-se que o uso da linguagem é inerentemente argumentativo. No momento em que se interage através da linguagem, pretende-se orientar os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões, com exclusão de outras. Se a língua permite falar sobre as coisas, seu objetivo primeiro não é descrevê-las, não é informar sobre o que elas são, mas provocar uma avaliação, orientar para uma conclusão, segundo esse teórico, a argumentatividade é mais importante que a informatividade. Ducrot assevera que a argumentação está inscrita na própria língua, ou seja, todo texto é essencialmente argumentativo. Em outras palavras, compreende-se que, se a linguagem é interativa e se caracteriza pela ação intencional, a língua é marcada pela argumentatividade (MARINS, 2021, p. 143).

Logo, a seleção lexical e o uso de elementos gramaticais representam marcas da subjetividade e das relações de intersubjetividade do locutor com seu elocutório; são, pois, essencialmente estratégias argumentativas.

Como já foi mencionado anteriormente, cada operador possui uma função, e é essa função que vai direcionar o leitor a entender o que se quis dizer em determinada situação no texto. Com isso, Koch (2018) aborda que a conexão se dá por dois tipos de relação:

As relações lógico-semânticas entre orações que compõem um enunciado são estabelecidas por meio de conectores ou juntores de tipo lógico. A expressão conectores de tipo lógico deve-se ao fato de tais conectores apresentarem semelhanças com os operadores lógicos propriamente ditos, não se confundindo, porém, com estes, já que a “lógica” das línguas naturais difere, em muitos aspectos da lógica formal (KOCH, 2018. p, 68).

Essa primeira relação se expressa por meio de condicionalidade, causalidade, mediação, disjunção, temporalidade, conformidade e modo, todas se exprimem através da conexão de duas orações. Já a relação discursiva ou argumentativa:

São responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. Neste caso, o que se assevera não é, como nas relações de tipo lógico, uma relação entre conteúdo de duas orações, mas produzem-se dois (ou mais) enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro, que é tomado como tema. {...} Ademais, esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa. Por essa razão, são também chamados operadores argumentativos (KOCH, 2018. p, 71-72).

Ao contrário da relação lógica, a argumentativa se dá através de enunciados dentro de um texto, onde cada elemento dessa relação, vai fazendo uma ligação através de frases e parágrafos, determinando uma orientação argumentativa.

Quanto aos operadores argumentativos, Almeida (2001) afirma que, para além de relacionar o conteúdo de duas proposições, introduzem comprovações, argumentos que evidenciam as intenções dos enunciados de convencer e/ou persuadir; estabelecem relações também denominadas pragmáticas, retóricas ou ideológicas, discursivas ou argumentativas.

Baseando-se nos estudos de Kock (2010) os principais tipos de operadores argumentativos são apresentados no quadro 1:

Quadro 1– Operadores Argumentativos

Operadores argumentativos	Função nos textos
Até, mesmo, até mesmo, inclusive;	Assinalam o argumento mais forte de uma escala no sentido de determinada conclusão.
Portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente;	Operadores que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores.
Ou, ou então, quer... quer, seja.	Introduzem argumentos alternativos que levam a conclusão diferentes ou opostas.
Porque, que, já que, pois, etc.	Introduzem uma justificativa ou explicação

	relativa ao enunciado anterior.
--	---------------------------------

Fonte: Tabela organizada segundo os postulados sobre operadores argumentativos de (KOCH, 2010 p. 31-39)

Sendo assim, os operadores argumentativos são classificados de acordo com a função que eles exercem dentro de um enunciado ou parágrafo.

Com isso, revisitando as contribuições de Kock & Elias(2016), sob o arcabouço teórico da Linguística Textual, ao tratarem, especificamente, de gêneros predominantemente argumentativos, refinam e ampliam a descrição da funcionalidade dos operadores textuais e, denominando-os de “articuladores”, subdividem-nos em três categorias: i) os articuladores de relações lógico-semânticas, que equivalem aos conectores de tipo lógico; ii) os articuladores discursivo-argumentativos, que correspondem aos encadeadores de tipo discursivo; e iii) os articuladores de organização textual, que, por sua natureza metalinguística, contribuem para a estruturação linear dos textos, organizando-os e, assim, explicitando sua progressão temática.

Quadro 2: Articuladores textuais na linguística do texto

ARTICULADORES TEXTUAIS NA LINGUÍSTICA DO TEXTO (cf. KOCH & ELIAS, 2016)		
Articuladores de relações lógico-semânticas:	Articuladores discursivo-argumentativos:	Articuladores de organização textual:
Condicionalidade Causalidade Finalidade Disjunção Temporalidade Conformidade Modo	Soma Contrajunção / oposição Comprovação Conclusão Comparação Especificidade / exemplificação Correção/ redefinição	Diferentes formas de: introdução e soma de argumentos, oposição de argumentos, síntese, ratificação – dentre outras operações/sequências argumentativas.

Tabela 2: Articuladores textuais (cf. KOCH & ELIAS, 2016)

Assim, a macrossintaxe do discurso (ou a semântica argumentativa) vem recuperar tais elementos porque são justamente eles que determinam o valor argumentativo dos enunciados. Para exame dos operadores argumentativos faz-se necessária uma recapitulação das noções de escala argumentativa e de classe argumentativa formuladas por Ducrot. A classe

argumentativa consiste em dois ou mais argumentos orientados no mesmo sentido, ou seja, para uma mesma conclusão. A respeito desse assunto, Souza e Ribeiro (2017) colaboram que:

Emediato(2004) corrobora com o tema e enfatiza a importância das conjunções na construção da argumentação. Aqui esses elementos gramaticais deixam de ser vistos apenas como um ente de ligação e passam a ser compreendidos como um índice de atitude argumentativa, pois são eles que direcionarão a argumentação. As operações passam a ser de natureza lógico-semântica. São lógicas, porque advêm de todo um raciocínio por parte do sujeito argumentador; e tem caráter semântico, visto que sinaliza um sentido entre as duas orações conectadas. Dessa forma, a relação de sentido vem à tona através da conjunção. Somado a isso, a presença da conjunção/operador argumentativo permite especificar um sentido mais exato da argumentação; já sem o conectivo a relação semântica ficaria implícita, exigindo do interlocutor a inferência da intenção argumentativa durante a leitura (SOUZA, RIBEIRO, 2017. P, 101).

Esses elementos são vistos pela semântica argumentativa não só como meras conjunções de ligação e sim como encadeadores argumentativos, pois são eles que direcionam o leitor. De um lado, a argumentação consiste no processo de influência sobre o interlocutor por meio da estruturação de um raciocínio lógico e verossímil orientado pela defesa de um ponto de vista. Sumarizam Kock e Elias (2016):

Argumentação, portanto, é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva (KOCH & ELIAS, 2016, p. 24).

Nesse sentido, os operadores argumentativos são recursos imprescindíveis para a argumentação, uma vez que eles apontam para a orientação e o posicionamento argumentativo do sujeito, o que nos dá pistas para o tipo de argumento a ser defendido e o percurso argumentativo a que a situação de comunicação pretende chegar.

Além disso, são de suma importância para a coesão textual, à medida que interliga os vários argumentos em um texto, e para a coerência textual, à proporção que traz à tona as relações de sentido evidenciadas entre os argumentos, contribuindo para a compreensão dos mesmos. É importante destacar que, na modalidade de argumentação monológica, em que os dois sujeitos participantes da argumentação não estão presentes fisicamente, o uso dos operadores discursivos será ainda mais importante, pois conferirá maior eficiência na clareza do entendimento dos argumentos, assim como nas relações semânticas entre os enunciados.

1.2 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS TEXTOS DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO

Os operadores argumentativos são considerados dentro da Semântica Argumentativa um dos principais elementos responsáveis pela estruturação e orientação argumentativa do texto. Assim, a interpretação e produção de textos requerem dos discentes, entre outros, saber identificar e utilizar os operadores argumentativos do discurso.

Todo ser humano a todo momento tem a necessidade de argumentar, principalmente para defender seu ponto de vista. Segundo Elias (2014):

Argumentar faz parte do cotidiano do homem em todas as atividades, isto é, o ser humano participa diariamente de inúmeras relações orientadas para a discursividade, daí porque uma das funções básicas da escola é proporcionar aos alunos o desenvolvimento da argumentatividade em produções orais e escritas. Cabe à escola ensinar os usos da língua, possibilitando ao aluno desenvolver a capacidade da escrita, produzindo textos com informações bem fundamentadas, com argumentação válida, sabendo estruturá-las adequadamente, de forma a construir um texto dotado de sentido em um contexto (ELIAS, 2014, p. 145).

Em outras palavras, o aluno deve produzir textos coerentes, com sentido, onde as ideias possam estar organizadas e claras. (ELIAS, 2014, p. 150) destaca que se considerarmos a ideia de que argumentar está presente em toda e qualquer atividade discursiva, tem-se, como consequência, o fato de que, quando argumentamos sobre um objeto de mundo, estamos agindo sobre alguém, objetivando persuadi-lo.

Ou seja, a todo momento argumentamos, seja através de textos formais ou informais equando argumentamos, estamos tentando convencer o interlocutor, dos nossos argumentos acerca de terminado tema. Para Koch (2004):

“A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Sendo assim, podemos considerar que o ato de argumentar constitui o ato linguístico fundamental, pois orienta as inferências as quais se pretendem alcançar, tentando influenciar o comportamento do outro ou compartilhar de suas opiniões, pois para, “[...] a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia” (KOCH, 2004, p.17).

Se o linguista, por um lado, trata os operadores argumentativos como parte essencial do processo de argumentação, por outro, as gramáticas normativas muitas vezes, apenas os estudam como meros conectores, classificando-os de acordo com o “sentido” que eles proporcionam às sentenças.

Em virtude disso, sobre o uso dos operadores argumentativos nas aulas de português do ensino médio:

[...] tem sido visto de forma muito reduzida, pois não passa muito da mera classificação dos conectores ou das orações em que eles aparecem. A função desses conectores na organização do texto com um todo, de um modo geral, não chega se

quer a ser mencionada nem em gramáticas nem em livros didáticos. Falta, portanto, a perspectiva da textualidade no estudo desses elementos (ANTUNES, 2005, p, 143).

Portanto, é por isso que muitos discentes não costumam citar em suas produções o uso desses elementos, pois não são estudados em sala de aula, já que não são vistos em livros didáticos. Segundo (ELIAS, 2014, p, 145) organizar um texto de modo a assegurar o bom desenvolvimento das ideias e a construção de argumentação válida para fundamentar as opiniões que se pretende sustentar é ainda umas das grandes dificuldades dos alunos da educação básica.

Essa dificuldade, é resultante da falta de aulas dedicada ao uso de marcadores argumentativos nas aulas de Língua Portuguesa. Outra característica nas produções textuais em questão, é a carência de poder persuasivo na defesa do ponto de vista e da análise crítica solicitados, tornando a linha de raciocínio dos alunos tortuosa e, com frequência, o assunto principal é apenas tangenciado, entre outros fatores, devido à falta de amarração entre as frases e os parágrafos

Se é por meio da linguagem que nos comunicamos com o mundo e com os outros, essa comunicação acontece principalmente por meio da linguagem verbal, ou seja, nosso principal instrumento é a palavra. Sendo ela a base de nossa comunicação, há uma combinação para que as palavras formem uma unidade significativa, então, nossa comunicação acontece fundamentalmente por meio de textos. Segundo (COSTA VAL, 1991) um texto é uma ocorrência linguística, escrita ou falada de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. É uma unidade de linguagem em uso.

Essa unidade de linguagem em uso acontece em todos os momentos de nosso dia, do “bom dia” ao “boa noite”. Entretanto, em sala de aula, quando se fala na produção de textos, há um alvoroço, uma dificuldade extrema sobre o que fazer, o que escrever, como fazer um texto. Parece-nos que na escola produzir texto é uma atividade artificial e completamente alheia ao cotidiano, uma prática exigida na e para a escola, com o objetivo único da avaliação. É preciso que o aluno entenda que ele não produz apenas textos escritos, aquelas famosas redações que causam tanto horror. O tempo todo ele produz textos. Talvez tendo essa visão, ele consiga desmistificar essa produção que deveria ser uma das mais naturais de suas atividades.

O conhecimento gramatical sempre foi muito valorizado na sala de aula, não ter “erros de português” sempre foi o objetivo da escola, mesmo que o aluno saiba responder às questões da prova de gramática, mas não aplique nenhum dos conceitos em seu cotidiano. Muito menos nos textos escritos. Parece que a grande lacuna do ensino de português é essa: como fazer os discentes aplicarem em seus textos e em

sua vida os conceitos gramaticais aprendidos e que são relevantes para uma comunicação eficiente? Como capacitar o aluno para o exercício fluente, adequado e relevante da linguagem oral e escrita? “Muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino da língua cada vez mais útil e contextualmente significativo. Sabemos quanto a incompetência atribuída à escola está ligada com a linguagem” (ANTUNES, 2003, p.36).

Pode-se dizer que, as escolas tem um único objetivo em relação as aulas de português, aprender a gramática nua e crua, onde muitos alunos só utilizam das questões da gramática dentro da sala de aula, porém fora, eles não fazem uso no seu cotidiano. Ou seja, o que a escola está ensinando não adianta, pois os discentes não levam isso para a vida, principalmente em relação aos textos. No entanto, Antunes (2008) afirma que:

O objeto de estudo da gramática deve ser o texto. A função que essa gramática vai exercer no texto. A escola perde muito tempo com questões de mera nomenclatura e de classificação, enquanto o estudo das regras dos usos da língua em textos fica sem vez, fica sem tempo (ANTUNES, 2003, p.88).

O que acontece muito na sala de aula, são textos produzidos de acordo com o tema proposto pelo professor, sobre o qual, às vezes, os alunos não têm o que dizer, assim, preocupam-se com o número de linhas que deve ter o texto, escrevem, “arrancam” a folha e entregam para ser “corrigido”. Na devolução, nem olham o que foi anotado pelo professor e guardam na bolsa. Nessas condições, é óbvio que o texto não é produto de reflexão e análise, por parte do aluno. E por parte do professor, frequentemente, não há uma preocupação em fazer do texto produzido, fruto de informação, aviso, advertência, anúncio, descrição, explicação, comentário, opinião, argumentação, instrução, resumo, documentação, ou seja, fruto de alguém que tem algo a dizer. Escrever também é uma forma de comportamento, assim como falar. Tudo o que dizemos ou falamos tem consequência. O aluno também tem algo a dizer oralmente ou por escrito. Para ser ouvido ou lido.

Todo texto possui uma função, o autor se expressa tendo um objetivo e a intenção de alcançar um determinado público e alvo. (CABRAL, 2017, p. 244) afirma “[...] que as estruturas textuais são utilizadas pelos indivíduos para elaborar seus propósitos, o que quer dizer que os produtores de textos recorrem à organização textual e as escolhas linguísticas para atingir seus objetivos”. Para que a mensagem, que o locutor pretende passar seja compreendida, é importante que ele saiba usufruir das possibilidades linguísticas textuais.

Partindo da ideia de que um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas (KOCH, 2018, p. 14). Vale destacar um elemento muito importante no texto, a coesão textual, que tem como função:

{...} a de promover a continuidade do texto. a sequência interligada de suas partes, para que não se perca o fio de unidade que garante a sua interpretabilidade. Os autores Halliday & Hasan (1976), definindo a coesão, apelam para a metáfora de “laço”, no intuito de mostrar que, no texto, cada seguimento precisa estar atado, preso, pelo menos, a um outro, de sorte que há “pontas soltas”, ou pedaços que se juntam a nenhum outro (ANTUNES, 2005, p. 48).

Para a autora, é preciso que haja ligação entre as partes do texto, dando sempre continuidade e progressão as ideias dentro dele, estabelecendo assim relações de sentido

Portanto, “um texto argumentativo é produzido para fazer crer e/ou fazer agir alguma coisa ao interlocutor (CABRAL, 2017, p. 244). A argumentação nas produções textuais, tendo em vista que o texto geralmente é uma unidade complexa usada em situações para resolver problemas na sociedade”.

1.3 PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL UTILIZANDO OS OPERADORES TEXTUAIS ARGUMENTATIVOS

O estudo do texto, através de atividades que privilegiem o atendimento do funcionamento dos operadores argumentativos auxiliará os alunos a se posicionarem criticamente quanto á posição defendida pelo autor, como também lhes permitirá a formação de uma opinião própria sobre o assunto. Segundo Elias (2014):

Considero que o professor de Língua Portuguesa, para preparar suas aulas de redação, deve compreendê-la como um processo de retextualização para, então, buscar estratégias que possibilitem ao estudante escrever seu texto, num processo contínuo de autoaprendizagem (ELIAS, 2014, p. 135).

Ou seja, é preciso que o professor sempre trabalhe em sala de aula com a reescrita de textos dos alunos, para que assim eles possam ter um processo contínuo de auto aprendizagem. Nesse sentido (Elias 2014, p. 136)destacao pensamento de Dias (1986) sobre o estudo realizado sobre redações:

A produção de um texto deve ser fruto de um pensamento reflexivo, deve representaro salto qualitativo, a decodificação de informações reoperadas que se interligam, intencionalmente, e que são oriundas não do exercício mecânico dos leitores entendidos como decodificadores de letras, mas, de leitores cuja compreensão implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (DIAS, 1986).

É possível então, considerar que é a retextualização seria a solução de um problema,

facilitando, tanto a escrita como a compreensão dela. A mesma autora propõe duas estratégias para garantir uma boa produção textual:

A primeira delas refere-se ao princípio da coerência textual, e a segunda ao processo de referenciação, ambas pensadas para oferecer as bases para que o estudante/escritor possa realizar uma progressão textual caracterizada por uma sequência encadeadora de ideias e por uma categorização de mundo feitas por ele a partir do fio contudorestabelecido para o desenvolvimento de seu texto(ELIAS, 2014. p, 138).

Essas duas estratégias irão ajudar o estudante a progredir no processo de escrita da retextualização, permitindo a ele elaborar uma produção com ideias encadeadas. E ela ressalta ainda (ELIAS, 2014. p, 138) que o estudante/ escritor só será capaz de obter uma retextualização coerente se aplicar, na construção de seu texto, as quatro metarregras propostas por Charolles (1978):

- Metarregra de repetição, apresentando no desenvolvimento de seu texto, elementos de recorrência estrita. A fim de garantir seu caráter sequencial, seu desenvolvimento homogêneo e contínuo, sua ausência de ruptura;
- Metarregra de progressão, apresentando, no desenvolvimento de seu texto, contribuição semântica constantemente renovada;
- Metarregra de não contradição, não introduzindo, no seu desenvolvimento de seu texto, elementos semânticos que contradigam um conteúdo posto ou pressuposto anteriormente;
- Metarregra de relação, não introduzindo, no desenvolvimento de seu texto, fatos que não estejam relacionados ao mundo ali representado.

Para o aluno ter um melhor desempenho na retextualização de seu texto, é preciso que ele faça uso principalmente da referenciação, fazendo uso de expressões que deixe seu texto mais coerente.

E para finaliza, a autora (ELIAS, 2014. p, 140) colabora com uma sugestão para o processo retextualização em sala de aula:

Primeira etapa: leitura e compreensão do texto a ser retextualizado

Nesta etapa, o professor em conjunto com os estudantes:

- Lê a redação (a), que deverá ser retextualizada;
- Discute sua expansão em relação ao tema proposto;
- Por meio de um trabalho de desmontagem textual, levanta as ideias nela arroladas e a relação entre elas e o tema proposto;

- Discute a existência da justaposição de frases e a transposição de clichês ou textos de textos lidos.

Segunda etapa: da compreensão para a reformulação

Nesta etapa, a partir do trabalho realizado na primeira etapa, o professor pede a cada estudante que, individualmente:

- Estabeleça interferências, inversões e eliminações;
- Pense no tema e em uma ideia central que queira defender;
- Proponha acréscimos, substituições e reordenações;
- Estabeleça um fio condutor para a reescrita do texto e proponha ideias que possam desenvolvê-lo.

Essas duas primeiras etapas têm como princípio a coerência.

Terceira etapa: a reformulação

- Nesta etapa, o professor pede para cada estudante pensar em elementos ou expressões linguísticas que lhe permitam escrever seu texto com criatividade e criticidade.

Quarta etapa: a retextualização

- Nesta etapa, com base em todo o trabalho desenvolvido, o professor pede para cada estudante escrever seu texto. Após concluir a escrita de seu texto, o estudante é orientado, ainda, a ler o novo texto, analisando se a retextualização solucionou os problemas do texto.

Contudo, a retextualização permite ao professor criar metodologias na autoaprendizagem do aluno no processo de ler e escrever. Destaco ainda que o professor deve procurar estratégias que permita que os alunos avancem no processo da escrita.

Sendo assim, quando o professor passar seu objeto de estudo para o texto, mostrando quais regras gramaticais são usadas nos mais diferentes tipos de texto; por exemplo, quais regras são necessárias para a produção de um folder, de uma receita, de um resumo, os resultados serão mais positivos, pois o aluno irá perceber que a gramática da língua só existe porque há uma função para ela de acordo com a finalidade, em determinado texto.

A mudança a ser feita nas aulas de português segue então estes caminhos: usar as regras gramaticais contextualmente nos textos, objetos relevantes de estudo da língua, que serão produzidos pelos alunos, com uma função a ser cumprida, por alguém que tem algo a dizer.

A escrita, pelo fato de não requerer a presença simultânea dos interlocutores em interação, não deixa de ser um exercício da faculdade da linguagem. Como tal, existe para servir à comunicação entre sujeitos, os quais cooperativa e mutuamente, se ajustam e se condicionam. Quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo (ANTUNES, 2003, p.46).

Com isso, ao escrever um texto, faz-se necessário saber se ele está claro, bem articulado, de maneira que o interlocutor possa compreendê-lo, subentendendo-se que essa compreensão coaduna os objetivos do autor, o contexto em que ele foi produzido e no qual será lido. Assim, o texto não será apenas um treinamento mecânico, um exercício escolar descontextualizado, que não estimula ninguém, um seguir conteúdos que só se justificam dentro da escola. Não dá para esperar do aluno uma atitude reflexiva sobre seu texto, se não há objetivo, contextualização; a sua produção escrita não pode estar atrelada a um modelo de redação, produzida num curto espaço de tempo (uma ou duas aulas), sem chance de um planejamento e revisão. Sempre afirmamos que o aluno escreve mal, essa afirmação é taxativa, genérica, pois talvez ele não escreva aquilo que saiba escrever, não escreva textos socialmente relevantes, que se passam no ambiente social em que vive. A esse flagrante realidade cabe uma mudança.

E o primeiro passo é este: o professor propõe o trabalho de forma que a escrita cumpra alguns requisitos, como fazer do discente autor de textos contextualmente adequados, nos quais estabeleçam vínculos comunicativos socialmente relevantes, para leitores concretos, reais, diversificados, com os quais o autor pode contar já no momento da escrita, para que saiba, conscientemente, o que dizer e como dizer, para quem irá dizer.

De início, o aluno já terá um novo olhar sobre sua produção. Qualquer professor que já tenha feito trabalhos seguindo o acima descrito, sentiu o comprometimento do aluno com sua produção. Assim, será mais fácil fazê-lo enxergar seu texto como resultado de um planejamento, escrita e reescrita. Falar a palavra reescrita para o aluno é motivo de espanto, pois ele acredita que a escrita obedece apenas a uma versão e qualquer coisa, além disso, é desnecessário e chato.

O ideal é que se crie, com os alunos, a prática do planejamento, a prática do rascunho, a prática das revisões, de maneira que a primeira versão de seus textos tenha sempre um caráter de produção provisória, e os alunos possam viver, como coisa natural, a experiência de fazer e refazer seus textos, tantas vezes sejam necessárias, assim como fazem aqueles que se preocupam com a qualidade do que escrevem (ANTUNES, 2003, p.65).

O aluno deve encarar seu trabalho com o texto como uma tarefa natural: escrever, reescrever quantas vezes for necessário para que haja o cumprimento da função textual naquele momento. E fazer com que se preocupe com a qualidade do que escreve é fazê-lo se preocupar não apenas com as ideias, mas também com a parte formal do texto, principalmente com os elementos que fazem a relação entre as ideias, levando o escritor, principalmente do

Ensino Médio, a um desenvolvimento progressivo de sua competência textual, pois um dos maiores problemas de produções textuais reside no uso inadequado das conjunções que pode comprometer a compreensão das relações internas e, por consequência, bloquear os efeitos de sentido do texto produzido. Dessa forma Antunes(2005) ressalta que:

O mais importante, na atividade de produção e recepção de textos, é identificar o tipo de relação estabelecida, e não se ocupar da classificação dos conectores com suas respectivas nomenclaturas. Tampouco tem relevância serve-se de estudo das conjunções apenas para se explorar a complicada classificação das orações, em suas múltiplas subdivisões. O que vale, portanto, como competência comunicativa é avaliar o valor semântico de cada uma das conjunções e os efeitos semânticos que provocam nas relações entre as orações (ANTUNES, 2005. p, 145)

Pode-se entender que, é importante que o foco das aulas de português seja o texto e, a partir dele, se possa fazer o trabalho dos usos das regras gramaticais, principalmente das conjunções, voltado à clareza, inteligibilidade e interpretação adequada do que se pretendeu dizer.

Três passos são essenciais para que se atinja esse intento: planejamento, escrita e reescrita. Quando o professor intervém, mostrando os aspectos que precisam ser revisados, quando as conjunções não cumpriram a função adequada, o aluno poderá reformular suas ideias, escolhendo conscientemente outras conjunções, que tornem adequados seus enunciados. Para que isso ocorra efetivamente, não pode haver pressa, talvez o aluno não produza um grande número de textos (o importante não é a quantidade, mas a qualidade), mas, podendo revisar, alterar, reformular, escolher palavras mais convenientes, encadeando os vários segmentos e o sentido do texto, sem dúvida teremos autores escrevendo bem melhor, com mais clareza e precisão, escrevendo, com mais sentido, textos adequados à situação exigida. Dessa forma, acima de tudo, a escola terá cumprido seu papel social de intervir mais positivamente na formação das pessoas para o pleno exercício de sua condição de cidadãs (ANTUNES, 2003, p.66).

Nesse sentido, a produção da escrita, não se dá pela quantidade e sim pela qualidade, e para isso é preciso que os docentes trabalhem a escrita e a reescrita. Com isso, terá discentes produzindo textos argumentativos, com mais clareza e sentido. Só assim a instituição terá cumprido seu papel na formação de discentes cidadãs.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos, os quais foram adotados nesta pesquisa, procedimentos estes que nos levaram a responder nossas inquietações no que se refere às nossas questões norteadoras, e ao alcance de nossos

objetivos. Sabe-se que para obter resultados em uma pesquisa, se faz necessário buscar métodos e técnicas que permita ao pesquisador ter respaldo para a efetivação da pesquisa.

Quanto à classificação dessa pesquisa, ela é descritiva. Pois ao invés de buscar compreender as causas e consequências, apenas mostra uma determinada realidade.

A pesquisa em questão terá uma abordagem “qualiquantitativa”. Qualitativa, pois se preocupa em explicar o porquê de certos processos. Para (FONSECA, 2002, p. 31), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores, atitudes e com as ações de descrever, compreender e explicar determinado fenômeno. Quantitativo, pois os dados foram categorizados, quantificados, para ver quantas ocorrências houve no uso dos operadores argumentativos.

Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir do levantamento teórico já analisadas e publicadas em diferentes meios, como o objetivo de recolher informações sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (MINAYO *apud* FONSECA, 2002, p. 32). Para suporte teórico, buscou-se em livros, artigos científicos, revistas e outros, pois, como enfatiza Gil (2002, p. 44)

Nesta pesquisa, também foi adotado a técnica de análise documental, a qual se assemelha à pesquisa bibliográfica, porém não são necessariamente iguais, uma vez que a pesquisa bibliográfica é realizada em artigos científicos, livros etc. Em consonância a essa questão, (FONSECA, 2002) pontua que:

A pesquisa documental é um tipo de pesquisa que utiliza fontes primárias, isto é, dados e informações que ainda não foram tratados científica ou analiticamente. A pesquisa documental tem objetivos específicos e pode ser um rico complemento à pesquisa bibliográfica (FONSECA, 2002, p. 32).

Nesta pesquisa, os documentos que foram analisados foram os textos dos alunos do 1º ano. Documentos estes que foram a fonte desta pesquisa. O que diferencia a pesquisa documental da pesquisa bibliográfica é que a pesquisa documental não passa por uma análise aprofundada realizada por diversos pesquisadores, que é o caso da pesquisa bibliográfica.

Houve ainda a pesquisa de campo, segundo (MARCONI e LAKATOS, 2009, p. 69), “é utilizada como objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que queira uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.

2.1 POPULAÇÃO E AMOSTRA

O objeto de pesquisa deste trabalho, são os alunos do 1º ano “4” do Ensino Médio, da Escola Estadual Imaculada Conceição, do Município de Benjamim Constant. Quanto ao número selecionados, dos 35 discentes, apenas 9 entregaram seus textos na primeira intervenção (aula), porém apenas 5 textos foram escolhidos, mas optou-se em fazer a análise apenas de 3 textos. Na última intervenção, dos 35 discentes, somente 12 estudantes entregaram a produção textual, mas optou-se em analisar apenas 5 textos. A partir da amostra foi traçado um perfil para cada aluno.

2.2 PERFIL DOS INFORMANTES

No que concerne aos informantes dessa pesquisa, dentre os 9 alunos que entregaram seus primeiros textos na primeira aula, que teve como objetivo apenas a coleta sem nenhuma intervenção, foram selecionados textos de 5 discentes. Como critério de escolha, a pesquisadora e seu orientador optaram por selecionar os alunos que apresentaram de algum tipo de operador.

Após a aplicação do plano de três aulas sobre texto dissertativo, sua estrutura e operadores argumentativos, fez a coleta de mais textos, onde 12 discentes entregaram e apenas 5 estudantes foram selecionados, pois apresentaram o que se tinha como critério de avaliação, o uso de operadores de explicação e conclusão. Dos 9 primeiros, 5 são mulheres e 4 homens. Já dos outros 12 que entregaram o segundo texto, 7 são mulheres e 5 homens.

2.3 COLETA DE DADOS

No tocante à coleta de dados, eles foram coletados em uma turma do 1º ano “4” na Escola Estadual Imaculada Conceição, cujos textos nos foram acessíveis a partir de uma intervenção de um plano de três aulas na disciplina Língua Portuguesa, uma vez que o trabalho estava voltado ao texto como objeto de estudo: produção textual, incutindo no aluno uma visão de que a reflexão sobre a produção textual é necessária sempre, para que se atinja a competência linguística nos vários gêneros de texto com os quais ele vai conviver não apenas na escola, mas no decorrer de sua vida, levando em conta o interlocutor.

Dessa forma, a intervenção iniciou-se com o levantamento prévio dos discentes em relação à produção textual. Como toda pesquisa existe um antes e depois. Logo de início foi pedido aos discentes que elaborassem uma produção textual, onde se verificou tudo o que eles sabiam em relação a produzir um texto dissertativo. Com isso foi proposto no quadro, três temáticas diferentes: o internetês, doença do século: ansiedade e depressão e o trabalho

infantil. Em seguida foi explicado a eles que produziriam um texto dissertativo de 15 a 20 linhas. E ao final da aula, dos 35 discentes, apenas 9 entregaram as suas produções.

Na aula seguinte, foi trabalhado com os discentes o texto, onde apresentei aos estudantes a etimologia da palavra texto, os tipos textuais com ênfase no texto dissertativo-argumentativo, a sua estrutura. Na mesma aula, seguimos o trabalho com a introdução dos operadores argumentativos, priorizando a conjunção, sem, porém, separá-las em coordenativas ou subordinativas, ou mesmo enfatizar a classe de palavra, mas seu conceito e sua função. Foram apresentados enunciados em que os operadores estavam explícitos para que entendessem a relação de sentido entre eles: explicação, oposição, causa, finalidade. Em seguida, para que eles compreendessem onde e como se usava os operadores, trabalhou-se dois textos: “Viva e deixe viver” e “Os urubus e sabiás”.

Em virtude disso, após a intervenção e explicação sobre o texto e os operadores argumentativos, na última aula, utilizou-se o horário apenas para a produção textual, com os seguintes temas: as dificuldades das aulas on-line e o racismo.

O tratamento utilizado foi a sistematização dos dados, pois foi feita uma análise textual, na qual utilizou-se como parâmetro a presença e a ausência dos operadores argumentativos de explicação e conclusão nos textos dos alunos do 1º ano “4” do ensino médio.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados, utilizando como parâmetro a presença ou a ausência dos operadores argumentativos. Para tanto, foram selecionados dois elementos que farão parte da nossa análise. Quais sejam: operadores argumentativos em geral, focando principalmente nos conectores de explicação e conclusão.

Optou-se por esses elementos para que se pudesse estar respondendo nossos questionamentos iniciais. Sendo eles: os alunos do 1º ano do ensino médio conseguem produzir textos de forma a encadear os enunciados? De que forma eles estão usando esses elementos? Como o uso dos operadores argumentativos de explicação e conclusão ajudam na força argumentativa dos enunciados dos alunos do primeiro ano?

Nos textos analisados foram encontradas as mais variadas ocorrências, contudo, optou-se por trabalhar apenas com dois elementos coesivos com maiores ocorrências nos textos, encadeadores de explicação e conclusão, sejam eles usados de maneira correta ou empregados de maneira equivocada. Para que assim, pudéssemos chegar à resposta do nosso objetivo

geral, que é: Analisar de que maneira os operadores argumentativos sinalizam relações semânticas de explicação e conclusão em textos de produção textual de alunos no 1º ano do Ensino Médio.

Tendo em vista o que foi exposto acima, faremos a análise dos textos e discutiremos a respeito do que foi encontrado (no tocante aos elementos que já foram mencionados acima, em especial os operadores argumentativos de explicação e conclusão) nos textos dissertativos dos alunos logo na primeira intervenção.

A seguir apresentaremos a primeira tabela em relação a primeira intervenção com as discriminações dos alunos, o uso adequado que nós percebemos nos primeiros textos deles, o uso inadequado, número de repetições desse uso e uso de outros operadores. Dentre os 35 discentes, apenas 9 alunos entregaram as suas primeiras produções, então optou-se primeiramente em analisar de 5 textos que utilizaram algum conector, desses 5, foram escolhidos apenas 3 textos para fazer a análise, pois apenas eles apresentaram operadores de explicação e conclusão tanto de maneira adequada como inadequada, consoante a Gramática Normativa, sendo os discentes 1, discente 4 e discente 5.

Ressalto que na tabela abaixo contém as informações dos 5 textos analisados, cumpre elucidar aqui, quais elementos dentre os operadores argumentativos se está considerando como as conjunções de explicação, conclusão e o uso de outros conectores que aparecem nos textos dos discentes.

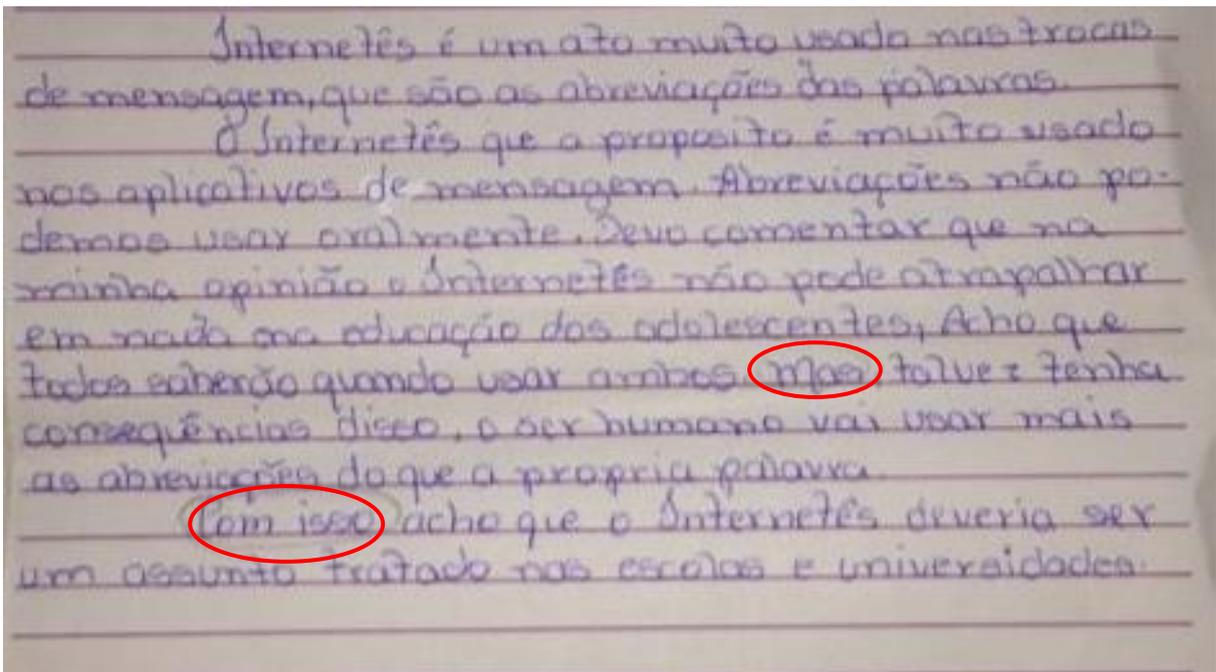
Tabela I – Uso adequado e inadequado dos operadores de explicação e conclusão

	Uso adequado dos operadores de explicação e conclusão	Uso inadequado dos operadores de explicação, conclusão e outros	Número de repetições dos operadores	Uso de outros operadores
Discente 1	Com isso	Não houve	Não houve	mas
Discente 2	Não houve	Não houve	2	e
Discente 3	Não houve	Mais (mas)	2	para
Discente 4	porque	Não houve	Não houve	Para, mas
Discente 5	Por isso	Por tanto	Não houve	Não houve

		(Portanto)		
--	--	------------	--	--

No texto do “discente 1” pode-se perceber apenas o uso de dois conectores. Ele utiliza o conectivo “mas” dando sentido de contradição ao enunciado anterior. E no último parágrafo ela utiliza “Com isso” que tem o valor de conclusão, fazendo a retomada do tema e fechando seu texto com uma proposta.

Imagem 1



Fonte: Discente 1, 2022

No texto seguinte do “discente 4” foram encontradas algumas ocorrências de uso de conectivos. Primeiro ele utiliza na primeira linha, o conector (mas) dando sentido de uma opinião contrária ao argumento anterior. Em seguida, ele começa o segundo parágrafo com a conjunção (e) onde esse argumento deveria ser continuado no primeiro parágrafo, pois está fazendo sentido de soma ao enunciado anterior. Logo, ele se equivoca utilizando a palavra (pra) ao invés de usar a conjunção (para), ou seja, ele usou uma palavra de forma gramaticalmente errada no seu texto. Ainda no segundo parágrafo, ele faz uso do conectivo (porque) explicando o porque a criança não deve trabalhar. E no último parágrafo, ele faz uso do operador (para) que no texto tem sentido de finalidade. Percebe-se ainda, que esse discente faz muito uso da conjunção (e) que tem como função adicionar argumentos ligados á anunciados anteriores.

Imagem 2

Bom muitas crianças mães dever trabalhar, **mas** tem muita gente que mães tem a consciência de pessoa e experiência sobre isso, muitas crianças trabalha vendendo gasolina e entre outros, mães crianças deverem estudar.

E aprende coisas boa na escola, coisas mais e mãe ita, trabalho **pra** tirar o sustento da família. Sim que tem muitas crianças que quer ajuda a família **mais** tem pais que quer se si aprenderem disso, vamos cuidar das mães crianças vamos para com isso **porque** disso é crime.

Nossas crianças deverem tem estudo tempo para brincar e também **para** estudar e outras coisas. mãe ita fazendo nossas crianças se trabalhar toda criança tem seu direito e direito são igual sim, caso virem algumas crianças trabalho denunci nossas crianças tem ser feliz.

Fonte: Discente 4, 2022

E por fim, no texto do “discente 5”, ele faz uso apenas de dois operadores. O primeiro (por isso) que tem valor de explicação. E o segundo ele usa o operador de forma equivocada, pois ele deveria ter usado o (portanto) em vez de (por tanto). O texto não perde o sentido, porém a palavra foi empregada gramaticalmente de maneira errada.

Imagem 3

Sim já v. muito trabalho infantil, crianças de menores tem trabalhando algumas sendo forçada mães e as crianças. Trabalho, certo e estudo se forma e trabalho quando tem a idade certa crianças podem ficar doente por cansaço muito peso. Certo é as crianças tem uma alimentação boa, estado-buena e tem **por isso** não tem que deixar isso acontecer, tem que estar denunciando para nos sistema.

Crianças tem que ter uma educação há uma infância há nos uma infância trabalhada. **Por tanto** precisamos pensar sempre em políticas públicas de inclusão social para evitar que as crianças sejam lançadas nessa situação. Mas nos escolas - as crianças que trabalha está abundante na escola mães e mães tem que evitar para nos sistema.

Fonte: Discente 5, 2022

Logo, o leitor que tiver acesso aos textos dos discentes acima, uma vez que ele tenha lido, compreenderá a ideia do aluno, mas perceberá que as ideias estão soltas e os parágrafos não estão “amarrados”. Dependendo de quem os leia, pode interferir na compreensão do texto.

Tendo em vista que os elementos de ligação também conhecidos como conectivos, são responsáveis por dar coesão ao texto, articulando o texto de maneira a torná-lo mais compreensível pelos leitores. (ANTUNES, 2005) afirma que:

Tudo vem em cadeia, encadeado, umas partes ligadas as outras, de maneira que nada fica solto e um segmento da continuidade a outro. O que é dito em um ponto se liga ao que foi dito noutro ponto, anteriormente e subsequentemente. Assim, cada segmento do texto da palavra ao parágrafo está preso a pelo menos um outro. Quase sempre, cada um está preso a muito outros. E é por isso que se vai tecendo o fio, ou melhor, vão-se fazendo fios, ligados entre si, atados, com os quais o texto vai sendo tecido, numa unidade possível de ser interpretada (ANTUNES, 2005, p. 46)

Ou seja, as partes de um texto tendem estar relacionadas umas às outras e é a partir daí que interagimos. Com isso, os textos apresentados acima não possuem uma relação de ligação entre os parágrafos e frases, deixando as ideias soltas, tornando eles um pouco difícil de serem compreendidos. Nesse sentido, Herculano (2017) corrobora com o trabalho esclarecendo que:

A coesão pode ser estabelecida por elementos que fazem o texto progredir a partir da conexão por eles operacionalizada. Esses conectores estabelecem uma relação semântica de acordo com o sentido que expressam. É pela coesão que se estabelece o nexos entre as partes de um texto. As relações coesivas realizam-se por meio de um léxico da língua e suas marcas são fixadas principalmente por elementos da natureza gramatical. (HERCULANO, 2017, p. 15).

Mas não foi isso que aconteceu nos textos analisados, pois os estudantes por mais que fizeram uso de alguns conectores, seus textos não progrediram por falta de conexão entre os enunciados e parágrafos, não deixando explícito a ideia central do texto.

A seguir apresentaremos a segunda tabela com as discriminações dos alunos, tendo em vista a análise do último texto produzido por eles. Irá verificar-se o uso adequados operadores argumentativos de explicação e conclusão, que foi percebido nos textos deles. Dentre os 35 discentes, apenas 12 entregaram as suas produções na última aula, dentre esses, escolheu-se uma amostra de 5 textos para a análise, onde os discentes utilizaram uso mais adequado dos conectores de explicação e conclusão, quais sejam os discente 1, discente 2, discente 3, discente 4 e discente 5. Vale ressaltar que esses discentes, não são os mesmos da análise anterior, porém ao final da análise será feita uma comparação entre os textos para

saber se esses alunos após a intervenção fizeram ou não o uso adequado dos operadores de explicação e conclusão.

Tabela 2- Uso adequado dos operadores de explicação e conclusão

Discentes	Uso adequado do operadores de explicação	Uso adequado do operador de conclusão
Discente 1	Já que	0
Discente 2	Pois	Portanto
Discente 3	0	Portanto
Discente 4	Porque, pois	Desse modo
Discente 5	porque	0

Como é possível verificarna tabela acima, estão catalogadas todas ocorrências percebidas pela pesquisadora. A seguir vamos discutir a respeito das ocorrências encontradas no texto do “discente 1”. Na linha 4 do texto, o aluno utiliza a conjunção “já que” baseando-se na biologia para explicar um enunciado anterior. Além desse, pode-se perceber que ele faz uso de outros conectores como (ou seja, ou) que tem como função a redefinição de algo dito por ele anteriormente.

Imagem 4

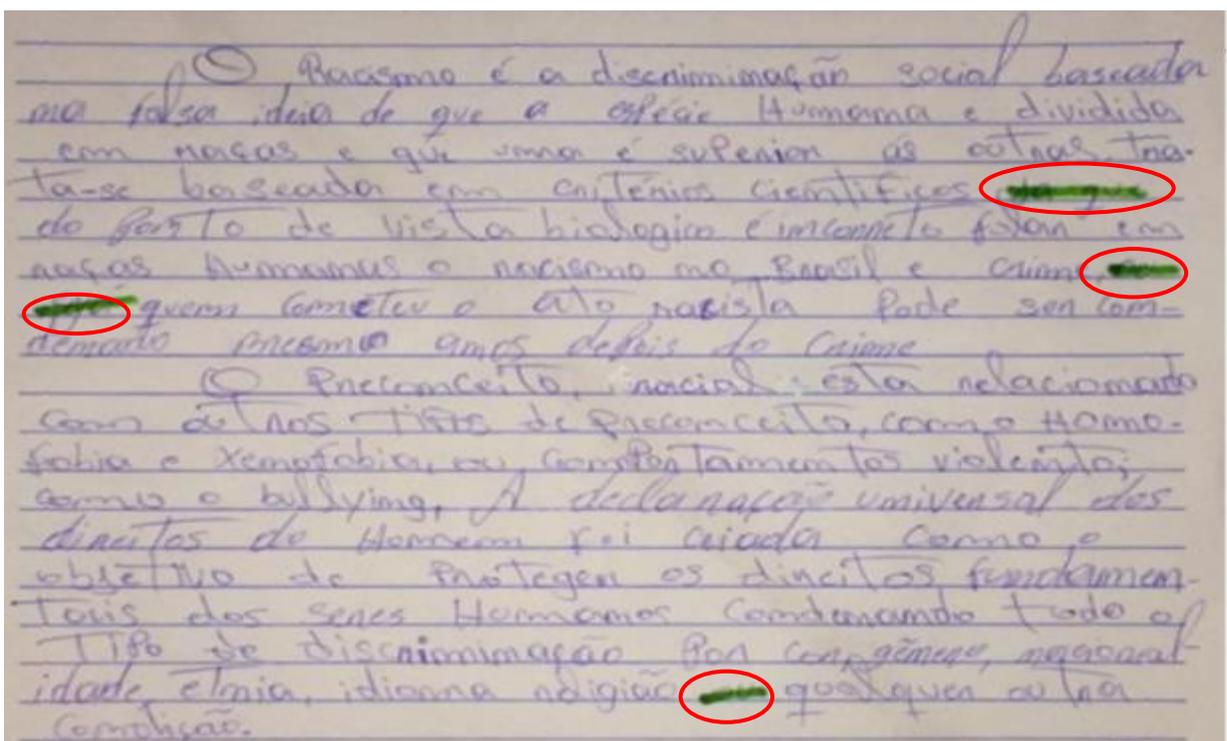


Imagem 6

O racismo explícito, uma forma de preconceito cruel que ainda atinge um grande parcela da população mundial.
 O racismo estrutural através de representações no cotidiano cotidiano evidenciam a diferença racial no Brasil. Pessoas, partidos e instituições não excluem da participação efetiva em espaços públicos. Esse fato mostra - nos uma mudança para o entendimento do racismo estrutural. Saímos de ser aquele racismo explícito, evidenciado em falas preconceituosas e até em atitudes agressivas, o racismo estrutural é aquele que está sutilmente ancorado em nosso cotidiano.

Fonte: Discente 3, 2022

Já o “discente 4” fez uso de três conectivos, o “porque” para explicar o porquê as pessoas negras sofrem. Utilizou a palavra “desse modo” para exprimir uma conclusão acerca da prática do racismo. E, a conjunção “pois”, na última linha, para explicar que “todos somos iguais”.

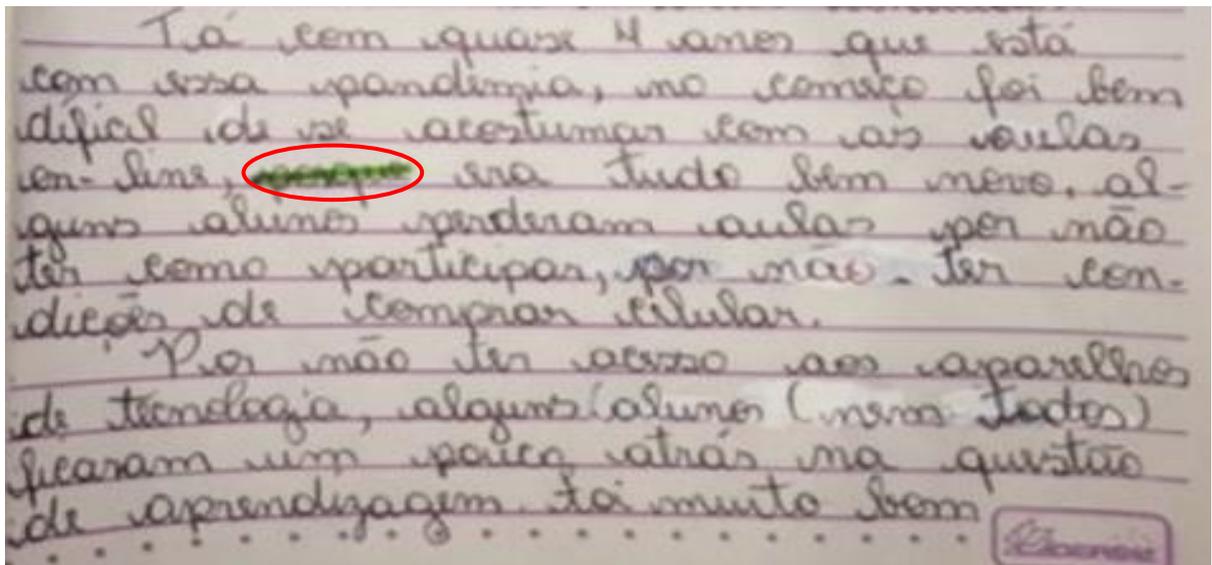
Imagem 7

O racismo através de alguns documentos do dia a dia sabendo que essas coisas tem consequências de dizer o que pensam cerca de 60% da população brasileira é negra, muitas pessoas negras sofrem discriminação e bulim por causa da cor de sua pele, no ensino básico. O racismo está dentro de nós, dos preconceitos e discriminação. Em um país. Quando há crime de ódio ou discriminação racial desta esse forma, o racismo é mais sério, trata-se de situações em que pessoas são discriminadas e privadas de acesso a algum tipo de serviço público. Segundo por conta de sua cor ou origem étnica. Desse modo que se instituir como pena, aqueles que foram vítimas das práticas dessas práticas o Brasil Serviço Comunitário de maioria negra para os mesmos verem que não há diferença nenhuma e são todos seres humanos. Devemos lutar não ao racismo tratar todos de maneira. Dos mesmos iguais não é cor.

Fonte: Discente 4, 2022

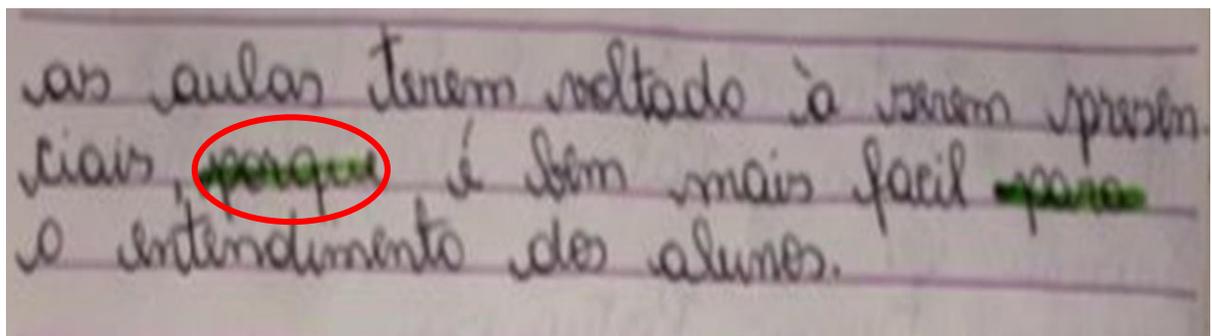
E por fim, nas imagens 8 e 9, o “discente 5” utilizou apenas um operador de explicação “porque” duas vezes em seu texto. “no começo foi bem difícil de se acostumar com as aulas on-line, porque era tudo bem novo”, “Foi muito bom as aulas terem voltado á serem presenciais, porque é bem mais fácil para o entendimento do aluno”. Portanto, esse operador (porque) foi empregado de forma adequada em seu texto,o primeiro serviu para explicarum motivo e já o segundo explicou uma razão.

Imagem 8



Fonte: Discente 5, 2022

Imagem 9



Fonte: Discente 5

Feita as análises dos cinco textos, percebe-se que os encadeadores de explicação e conclusão ainda foram pouco usados, porém os que aparecem nos textos, estão adequados ao contexto. Bechara (2010) diz a respeito disso, que:

A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se têm repartido em

dois tipos: coordenativas e subordinativas. As conjunções coordenativas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados independentes [...] Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que de igual valor funcione dentro do mesmo enunciado (BECHARA, 2010, p. 321).

Quando esses elementos são empregados de maneira correta, fazem com que o texto se torne mais compreensível, coeso, deixando suas ideias encadeadas e explícitas ao leitor. De acordo com Marcuschi (2008, p.72): “o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma re(construção) do mundo e não uma simples refração ou reflexo”.

Acreditando que, mesmo no Ensino Médio é possível continuar estimulando o pensamento conceitual do discente, aprimorando sua escrita, criando novos objetivos que amenizem as falhas de escrita.

Nesse sentido, as produções escritas realizadas possibilitaram a catalogação de diferentes dados relativos ao uso dos operadores argumentativos, expressos em distintos gráficos, apresentados a seguir:

I - Frequência das relações semânticas analisadas

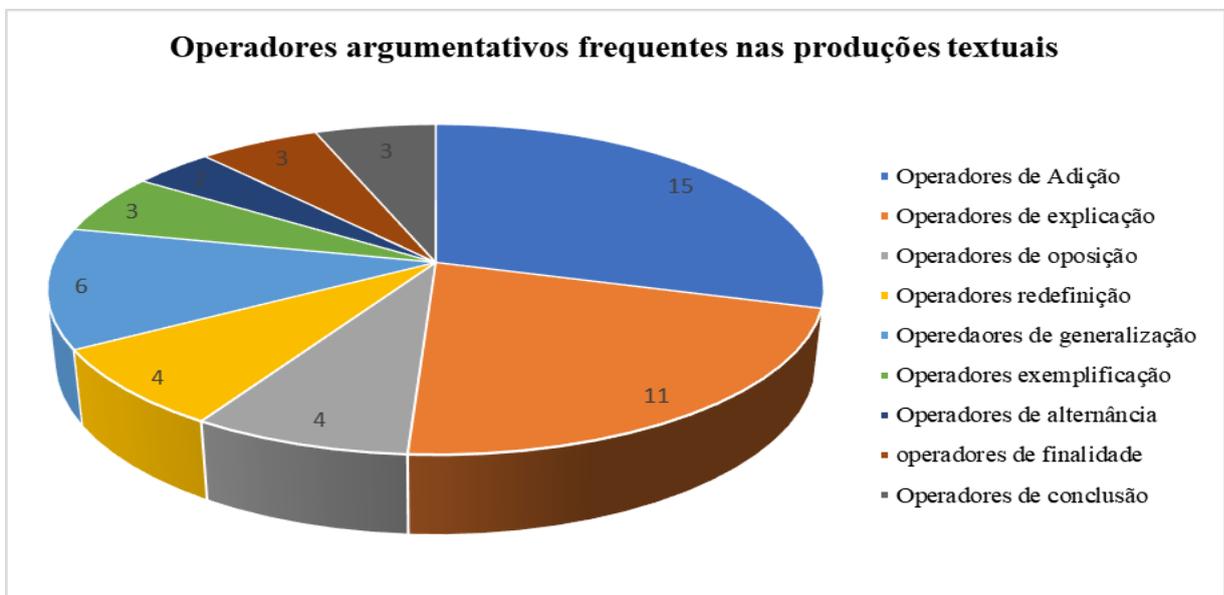


Gráfico 1: Frequência das relações semânticas analisadas. Elaborado pela pesquisadora

Nesse gráfico, foi analisada os 5 textos da primeira intervenção (aula) e os cinco textos da última intervenção. E o grupo de operadores argumentativos mais presentes é o de adição, com 15 aparições. Com pouca variação, em segundo lugar, temos os operadores

argumentativos de explicação, com 11 aparições. Em terceiro lugar e com uma quantidade de aparições bem reduzido, têm-se os operadores argumentativos de generalização, com apenas 6 manifestações. Em quarto lugar, com 4 aparições cada, temos os operadores de oposição e redefinição. Em quinto lugar, temos os operadores de exemplificação, finalidade e conclusão. E em último lugar, com baixíssima manifestação, temos o operador de alternância.

Nesse sentido, para melhor entendimento da tabela, a seguir será apresentadas duas tabelas com os operadores que cada discente usou no seu texto. A primeira está relacionada com o uso dos operadores argumentativos nos textos que os alunos produziram na primeira intervenção.

Tabela III - Operadores presentes nas produções textuais dos alunos

Primeira intervenção	
	Operadores argumentativos
Discente 1	é, que, mas, com isso
Discente 2	e, ou
Discente 3	Para, é, porque
Discente 4	Mas, e, porque
Discente 5	Por isso, para, portanto

Percebe-se que todos os discentes fizeram uso de algum de tipo de operador, porém como as ideias e os parágrafos estavam soltos, não adiantou muito os discentes utilizarem os operadores, pois eles não ajudaram muito na argumentação.

A seguir será apresentado a segunda tabela que diz respeito a última intervenção.

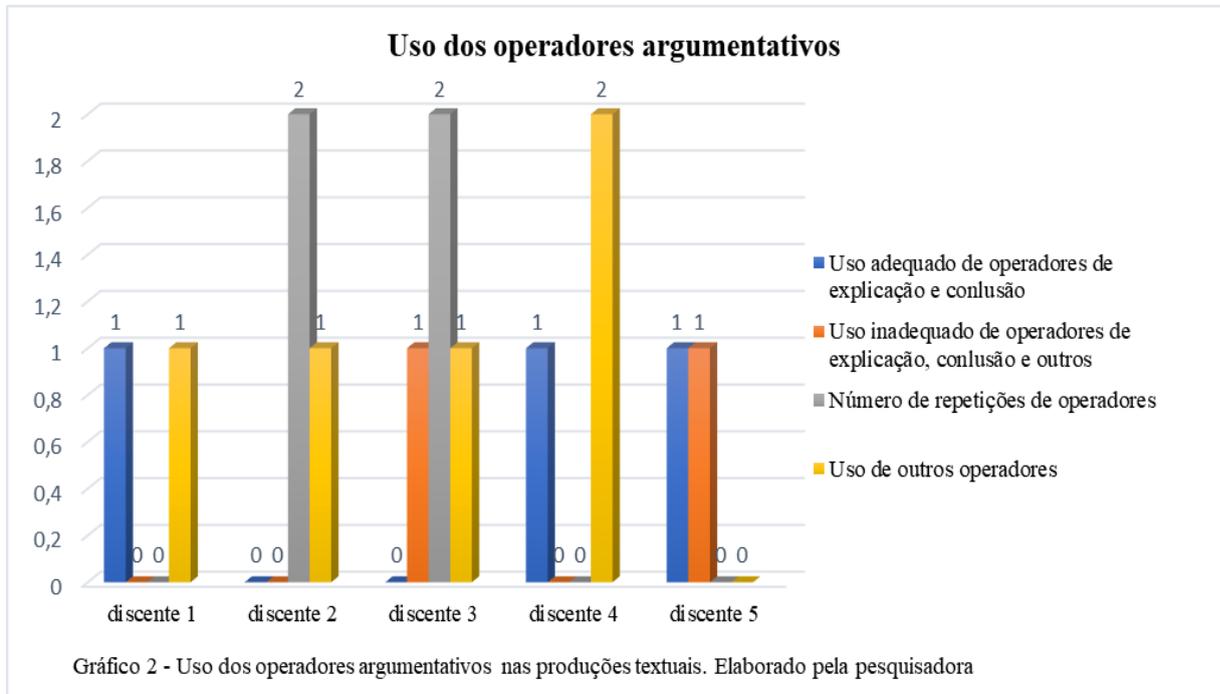
Tabela IV – Operadores presentes nas produções textuais na segunda intervenção

Segunda intervenção	
	Operadores argumentativos
Discente 1	Já que, ou seja, ou
Discente 2	Pois, portanto
Discente 3	Ainda, e, que, também, por exemplo, portanto
Discente 4	Porque, mas, desse modo, pois
Discente 5	Que, com isso, e, porém, para

Nessa tabela os discente fazem os mais diversos uso dos operadores argumentativos, visto que nesta última análise, os discentes empregaram os operadores de uma forma mais

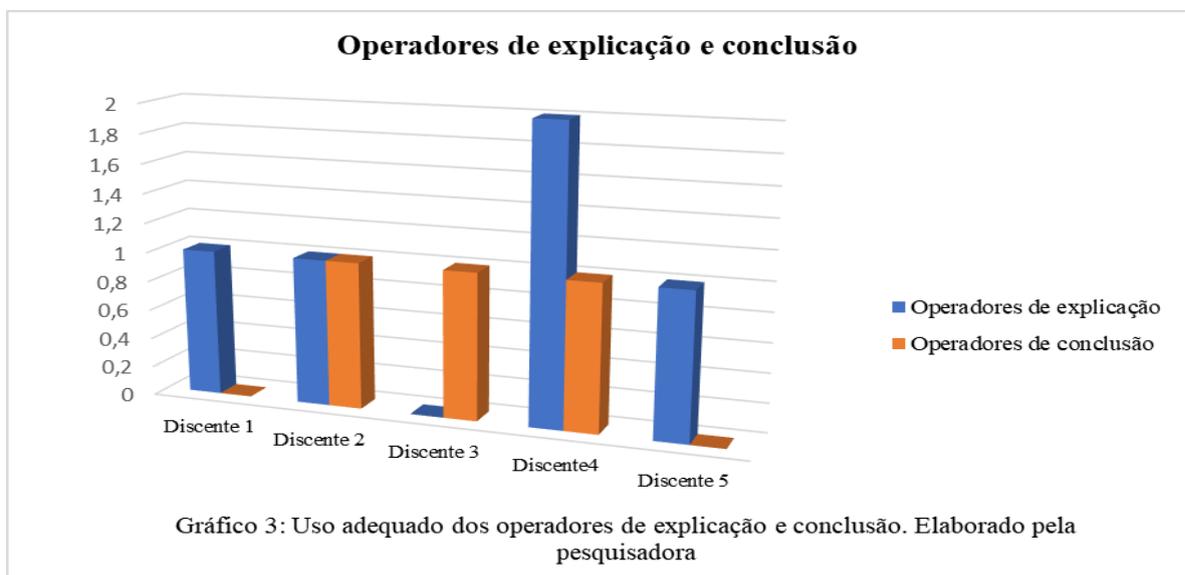
adequada, dando sentido ao seu texto. Portanto nas duas tabelas mostradas anteriormente sinalizam os operadores que foram utilizados nos textos dos discente, complementando assim o primeiro gráfico.

II - Uso adequado e inadequado dos operadores argumentativos



Neste gráfico mostra-se o uso adequado dos operadores argumentativos. Onde apenas os discente 1, 4 e 5 fizeram o uso adequado dos operadores de explicação e conclusão. E os discentes 2 e 3 repetiram o uso dos mesmo operador. Já os discentes 1, 2, 3 e 4 fizeram uso de outros operadores.

III- Uso adequado dos operadores de explicação e conclusão



Nos operadores de explicação e conclusão, observamos um salto qualitativo também considerável, pois todos os discentes fizeram o uso adequado dos operadores de explicação e conclusão em suas produções textuais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar de que maneira os operadores argumentativos sinalizam relações semânticas de explicação e conclusão em produções textuais dos alunos no 1º ano do Ensino Médio.

Acredita-se que o primeiro objetivo: Apresentar o conceito, funções e articulações dos operadores argumentativos no processo de produção e organização textual aos discentes do 1º ano do Ensino Médio, foi alcançado, uma vez que por meio das explicações, perguntas e interação com a turma, percebeu-se que os discentes compreenderam o conceito, as funções e articulações dos operadores argumentativos.

Em relação ao segundo objetivo: Verificar em que medida se dá o uso dos operadores argumentativos na produção textual dos discentes do 1º ano do Ensino Médio. Também foi alcançado, pois verificou-se que os discentes, em sua maioria, fizeram uso dos operadores argumentativos na perspectiva da gramática normativa, sendo possível sua verificação por meio das produções textuais.

E o terceiro objetivo: Identificar se os alunos utilizam adequadamente os operadores de explicação e conclusão em suas produções textuais. Esse por sua vez, também foi alcançado, pois muitos discentes apresentaram em seus textos alguns dos operadores de explicação e conclusão, outros apresentam fragilidade quanto ao seu devido uso, evidencia-se, ainda, que os discentes chegam ao Ensino Médio com várias lacunas em se tratando da produção escrita e organização das ideias, bem como a utilização dos referidos operadores argumentativos.

No que diz respeito à metodologia utilizada nesse trabalho, foi adequada, uma vez que por meio dela foi possível alcançar os nossos objetivos. Por meio da análise dos textos foi possível alcançar os objetivos traçados no início da pesquisa.

Tendo como exposto acima, podemos afirmar há textos de alguns discentes que apresentam uso de alguns elementos coesivos, mas também em sua maioria, não tem esses elementos, e quando tem, são empregados de maneira equivocada. Diante disso, pode-se dizer que os discentes do 1º ano apresentam em seus textos alguns operadores do discurso, o que responde as nossas questões norteadoras, contudo, as poucas vezes que ele usa esses elementos para desenvolver seus argumentos não é de maneira clara e objetiva.

A metodologia adotada para a concretização dessa pesquisa evidencia que os discentes do 1º ano vêm do ensino fundamental com grande falha na escrita, pois eles possuem uma dificuldade muito grande na hora de expor e organizar as suas ideias no texto. O que nos leva a perceber que ainda há muito a se fazer pela educação, pois os discentes estão vindo do ensino fundamental com uma baixa qualidade na escrita.

A pesquisa contribuiu bastante para meu crescimento pessoal e como futura profissional da educação. Pois daqui para a frente irei ter um outro olhar para a produção textual, não de uma forma gramatiquera, mas sim voltada para o uso dos elementos coesivos que compõem ela. Visto que esse estudo sobre os operadores argumentativos me permitiu entender sobre o que vai além do sentido de um texto, como a orientação, a ligação entre as palavras e parágrafos e principalmente o poder persuasivo que eles possuem dentro de um texto.

Portanto, espera-se que este trabalho sirva de incentivo para outras pesquisas sobre o uso dos operadores argumentativos nas produções textuais, para que futuramente esses problemas sejam resolvidos, tornando nossos discentes mais aptos na escrita de textos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. de. **Análise Semântica de Operadores Argumentativos em Textos Publicitários**. 2001. 187 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia-MG.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português – encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2ª ed. ampl. E atualizada. 2010

CABRAL, A. L. T. **Linguística textual e teoria da argumentação: texto e língua em diálogo**. In: CAPISTRANO JÚNIOR, R. (Org.). *Linguística textual: diálogos Interdisciplinares*. São Paulo, Labrador, 2017. p. 241- 249.

ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. 1 ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014).

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HERCULANO, Paulo. **Caderno de língua portuguesa** (leitura e interpretação de texto). Macapá, 2017.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **A coesão textual**. 22. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINS, Anderson Rodrigues. **Conjunções causais e explicativas do português em perspectiva semântico-argumentativa**. Campinas – SP: Pontes editores, 2021.

SOUZA, M.F.; RIBEIRO, L.A. **O uso de operadores argumentativos em produções textuais de alunos do ensino técnico integrado**. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1, 2017.

VAL, Costa. **Texto**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Texto>. Acesso em: 07 de julho de 1991.